

Sistema de cotas e desempenho de estudantes nos cursos da UFBA

**Delcele Mascarenhas Queiroz(Depto.de Educação da Uneb)
Jocélio Teles dos Santos(Depto.de Antropologia e Diretor do Centro de
Estudos Afro-Orientais da UFBA)**

No debate sobre as ações afirmativas nas universidades brasileiras o argumento sobre mérito é sempre recorrente. Os alunos oriundos das escolas públicas e aqueles que ingressaram através do sistema de cotas não conseguiriam ter um bom desempenho, principalmente nos cursos mais concorridos e, portanto, mais prestigiados na sociedade brasileira. A conseqüência seria o déficit no rendimento das disciplinas, e professores tendo que “nivelar por baixo” as suas avaliações. Como já foi apontado, trata-se de uma crítica programática (Filho *et alli*)¹ em que se questiona o critério operacional amparado no discurso da meritocracia. Ou seja, haverá queda na qualidade de ensino, aumento da evasão e uma formação deficiente de profissionais. É necessário salientar que este argumento não está presente somente no ambiente acadêmico, posto que aparece em debates na mídia e em cartas de leitores publicadas em jornais diários.

Temos assinalado (Queiroz e Santos, 2006)² que é necessário dispor de dados para que a avaliação do novo sistema seja deslocado do “achismo” e das representações ideológicas presentes no debate, contrárias às ações afirmativas para estudantes oriundos da escola pública, negros e indígenas, e adentre na avaliação do impacto das ações afirmativas nos espaços acadêmicos. Afinal, como sustentar um argumento convincente a não ser pelo exercício analítico?

Seletividade e manutenção de privilégios

Como observou Serpa(1989)³, a seletividade no ensino superior foi resultante da própria criação do sistema educacional, no início do século XX. A grande expansão das vagas nas universidades, ocorrida nos anos 60 e 70, não foi capaz de mudar essa característica. A ampliação do acesso não foi acompanhada por um processo de democratização da participação nas áreas e cursos no interior da universidade. No contexto de uma política voltada para promover o crescimento econômico do país, a

¹ Filho, Naomar A.; Marinho, Maerbal; Santos, Jocélio T.dos e Carvalho, Manoel F. *Ações afirmativas na unviersidade pública: o caso da UFBA*. Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais-UFBA, 2005.

² Queiroz, Delcele M. e Santos, Jocélio T.dos. “Vestibular com cotas: uma análise em uma instituição pública federal”. *Revista da USP*, v.1, 2006, p.58-75.

³ Serpa, Luiz F. “Universidade brasileira centro de excelência ou indigência?”. *Cadernos Expogeo*, n. 3, 1992, pp.45-9 .

partir do financiamento externo, tal expansão visava a preparação de recursos humanos para suprir as necessidades futuras de mão-de-obra demandada pelo processo de crescimento, através da formação de cientistas, pesquisadores e técnicos. Esse processo, ao contrário de democratizar oportunidades, manteve e, até mesmo, aprofundou a seletividade que marca esse nível do sistema de ensino (Brito e Carvalho, 1978)⁴.

O sistema de ensino brasileiro tem se mantido como um dos mais seletivos do mundo, o que determina que nas suas instituições de ensino superior tenha aumentado a participação de estudantes provenientes de famílias de elevada condição socioeconômica, aprofundando a desigualdade de acesso às oportunidades educacionais. A tendência à seletividade evidencia-se não apenas no acesso ao ensino superior de um contingente melhor aquinhado em termos de herança familiar e educacional, mas, sobretudo, nas escolhas de determinadas carreiras por candidatos que apresentam perfis socioeconômicos muito similares (Ribeiro, 1983 e 1981)⁵.

Mesmo havendo uma progressiva elevação na participação de estudantes dos níveis sócio-econômicos menos elevados na universidade, essa tendência é ainda bastante modesta. O estudo de Brito e Carvalho (*Op Cit.*), sobre o acesso à Universidade Federal da Bahia evidenciava que quanto mais intensa a competição por vaga, mais os candidatos de status mais alto eram favorecidos. As próprias condições e privilégios de seu status levavam a que fossem classificados em proporções sempre superiores à parcela de inscritos do grupo.

Estes estudos realizados nos anos setenta e oitenta revelavam, portanto, tanto a seletividade no ingresso nas instituições de ensino superior quanto a associação ao status e à renda familiar. O que demonstrava, sobremaneira, uma análise dos determinantes econômicos desse processo, sem priorizar o efeito de outros elementos como a cor e o gênero que, assim como o status, são responsáveis pela exclusão de considerável parcela da população.

⁴ Brito, Luiz N. e Carvalho, Inaiá M.de *Condicionantes sócio-econômicos dos estudantes da UFBA* Salvador, CRH/UFBA, 1978.

⁵ Ribeiro, Sérgio C. "Mecanismos da escolha da carreira e estrutura social da universidade. *Educação e Seleção*, n.3, 1981.

_____ "Quem vai à universidade". *Ciência Hoje*, n.4, 1983.

Desempenho e origem escolar

Em um estudo sobre o desempenho de estudantes na Universidade Federal da Bahia, no período 1993-1997, Queiroz (2001)⁶ já apontava que o desempenho no vestibular não é um indicador *ips literis* do desempenho nos cursos. O estudo verificava o desempenho no vestibular e o rendimento do estudante no terceiro semestre do curso na UFBA, tendo como referência trabalhos que indicavam a relação entre acesso ao ensino superior e a manutenção de privilégios.

A análise mostrou que no vestibular e nos semestres cursados os estudantes oriundos da escola privada, em todos os segmentos raciais, obtinham melhor desempenho que os oriundos de uma escola pública.

Os estudantes da escola pública tiveram rendimento muito homogêneo, independentemente da cor. Com relação aos oriundos das escolas privadas as distâncias entre os segmentos raciais eram um pouco mais perceptíveis; o rendimento dos estudantes acompanhava o gradiente de cor, de modo que a média mais elevada é a dos brancos e a dos pretos a mais baixa. A esse respeito é possível pensar numa diferenciação no tipo de escola privada frequentada pelos distintos segmentos raciais (Tabela 1).

Tabela 1 - Médias de pontos no vestibular (escore) e médias de rendimento no curso, segundo a cor e o tipo de escola de segundo grau frequentada, 1993-1997⁷

	Pública		Privada	
	Escore	Rendimento	Escore	Rendimento
Branca	5,57	5,47	6,13	5,86
Morena	5,57	5,32	6,06	5,72
Mulata	5,43	5,29	5,79	5,50
Preta	5,36	5,30	5,67	5,50
Geral	5,51	5,34	6,04	5,74

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

A observação do desempenho no vestibular, do grupo de estudantes de *alto status* sócio-econômico, oriundos da escola privada, mostra que os brancos têm a maior média

⁶ Queiroz, Delcele M. “Raça, gênero, e educação superior”, *Tese de Doutorado*, Faced/UFBA, 2001.

⁷ Até 1997 a UFBA não havia incluído o quesito cor nos formulários do vestibular e de ingresso. A classificação utilizada foi realizada com base na foto dos selecionados, e a autora utilizou um critério de gradação por ela atribuída.

de ingresso, sendo dos pretos a mais baixa.⁸ Contudo, quando se observam as médias de rendimento no curso, se percebe que uma vez passada a situação de competição característica do vestibular, os pretos passam a ocupar uma posição melhor do que a dos mulatos aproximando-se da posição dos morenos (Tabela 2). Esse é um dado relevante porque leva a pensar sobre os processos de discriminação evidenciando o quanto o racismo tem efeitos perverso, muitas vezes sutis, para determinar os destinos dos indivíduos.

Tabela 2 - Médias de pontos no vestibular (escore) e rendimento no curso, dos estudantes de *alto status*, oriundos das escolas privadas, 1993-1997.

	%	Escore	Rendimento
Branca	42,6	6,35	6,11
Morena	46,7	6,32	5,96
Mulata	8,5	6,16	5,49
Preta	2,2	6,03	5,91

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.:∞ <0,5

Entre os estudantes de baixo *status oriundos* do sistema público, os pretos, justamente os que estão mais sujeitos a desvantagens, apresentam média mais elevada tanto no ingresso quanto no curso. É possível entender o melhor desempenho dos pretos nesse grupo, como fizeram outros autores (por exemplo, Andrews,1998)⁹, a partir de um empenho maior para superar sua situação mais desfavorável. É provável que para os pretos, mais que para outros segmentos raciais, o curso superior represente alguma possibilidade de ascensão social, sobretudo em se tratando de estudantes oriundos da escola pública (Tabelas 3 e 4).

Tabela 3 - Médias de pontos no vestibular dos estudantes de baixo status, oriundos da escola pública, 1993-1997.

	%	Escore
Branca	20,9	5,50
Morena	46,9	5,57
Mulata	20,9	5,33
Preta	11,2	5,61

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.:∞ > 0,5

⁸ O *status* socioeconômico do estudante foi determinado pela associação entre ocupação e escolaridade do pai, e resultou numa escala de cinco posições: Alto, médio superior, médio, médio inferior, baixo superior, baixo inferior.

⁹ Andrews, George R. *Negros e brancos em São Paulo (1888 – 1988)*. Bauru, Edusc, 1998.

Tabela 4 - Médias de rendimento no curso dos estudantes de baixo status, oriundos da escola pública, 1993-1997.

	Rendimento
Branca	5,29
Morena	5,31
Mulata	5,60
Preta	6,27

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

sig.:∞ >0,5

Desempenho segundo a carreira e a cor

O exame do desempenho do estudante por carreira, de *per se*, revela que os estudantes brancos obtinham as maiores médias de ingresso em quase a metade dos cursos. Os morenos tinham médias mais elevadas em mais de um terço, os pretos em 9,5%, e os mulatos em 7,5%. Assim, os *claros* (brancos e morenos) tinham médias mais elevadas em mais de quatro quintos das carreiras (Tabela 5).

Tabela 5 - Médias de ingresso segundo a média mais elevada por carreiras e a cor do estudante, 1993-1997.

	%
Branca	49,0
Morena	43,0
Mulata	7,5
Preta	9,5
Total	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

Sig. ∞ < 0,1

Nas carreiras de todos os níveis de prestígio, os *claros* tinham médias de ingresso mais elevadas em maior proporção que os *escuros* (*mulatos e pretos*). Assim, eles obtinham maiores médias em mais de quatro quintos das carreiras de *alto* prestígio; sete décimos nas carreiras de *médio alto* prestígio; quatro quartos das carreiras de *médio* prestígio; na totalidade das carreiras de *médio baixo* prestígio e em mais de quatro quintos das carreiras de *baixo* prestígio. Ao contrário, quando se tratava do rendimento no curso, eles obtinham uma maior proporção de médias mais elevadas apenas nas carreiras de *alto* prestígio. Nas carreiras dos demais níveis, a maior proporção de médias mais elevadas é dos *escuros*, como mostra a Tabela 6.

Isso mostra que é pelas carreiras de *alto* prestígio que se encontrava a disputa mais acirrada entre os segmentos raciais, porque são essas que confeririam maiores vantagens, tanto no mercado de trabalho quanto como elemento de distinção social.

Tabela 6 – Distribuição percentual das carreiras, por nível de prestígio, segundo a média mais elevada do estudante e a cor, 1993-1997.

	Escore					Rendimento				
	A	MA	M	MB	B	A	MA	M	MB	B
Claros	81,8	70,0	75,0	100,0	85,7	54,4	30,0	25,0	30,7	28,6
Escuros	18,2	30,0	25,0	-	14,3	45,4	70,0	75,0	69,3	71,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA/Pesquisa direta

A – Alta

MA – Média Alta

M – Média

MB – Média Baixa

B - Baixa

Embora seja dos *claros* a situação mais privilegiada, chamava a atenção no grupo de carreiras de *alto* prestígio o desempenho dos mulatos e pretos em *Medicina*, a carreira mais prestigiada de todo o *ranking*. O fato de apresentarem médias mais elevadas de rendimento, ao lado da sua reduzida presença na carreira, aponta para a dimensão da seletividade ali presente, indicando que apenas aqueles de excepcional desempenho entre os mulatos e pretos se sentiam encorajados a competir pelos cursos mais valorizados. Sendo minoritários na UFBA, e representando o grupo racial mais sujeito a desvantagem, destaca-se a situação dos *escuros* com relação ao rendimento nas carreiras das demais áreas, sobretudo quando se trata daquelas altamente prestigiadas, em que pese o melhor desempenho dos brancos e morenos.

Ante esse quadro, nos perguntamos: qual foi o efeito das cotas na Universidade Federal da Bahia?

As tentativas de ingressar na Universidade

Entre 2003 e 2005 ocorreu um aumento crescente no contingente de estudantes que ingressam na Universidade no primeiro vestibular, tanto entre brancos quanto entre negros (pretos e pardos). Entre os brancos e entre os pardos esse aumento foi de em torno de 28 pontos percentuais. Embora menor, também houve crescimento entre os pretos, de 18,3 pontos percentuais. Em todos os anos da série, está entre os brancos o maior contingente que logrou aprovação no primeiro vestibular, reforçando o que se

sabe sobre esse contingente. Isso ocorre frente a uma sistemática redução no contingente que tenta o ingresso por mais de uma vez. Entre pretos e entre pardos ocorreu, no período, um crescimento do contingente que já havia prestado vestibular uma vez antes. Em todos os segmentos houve uma redução, no período, daqueles que haviam prestado vestibular duas vezes ou mais. A ampliação da participação, entre os selecionados, do contingente de pretos e pardos que já vinha de tentativas anteriores de ingressar na Universidade, deve ser creditada, seguramente, à política de cotas.

Tabela 10 - Distribuição percentual dos estudantes brancos, pardos e pretos¹⁰ segundo o número de vezes que prestaram vestibular (2003-2005).

Nº de vezes	Branco			Pardo			Preto		
	2003	2004	2005	2003	2004	2005	2003	2004	2005
Nenhuma vez	21,0	32,3	49,1	18,6	29,8	37,5	14,2	22,0	32,5
Uma vez	32,6	30,2	29,2	29,2	29,8	33,2	29,2	33,2	34,4
Duas vezes	21,5	18,2	12,5	25,3	20,4	16,8	28,1	19,3	17,9
Três vezes	10,7	9,7	5,4	14,3	10,1	7,6	16,4	12,6	10,1
Quatro vezes ou mais	13,9	9,3	3,8	12,4	9,6	4,8	11,3	12,9	4,8
Outros	0,3	0,3	0,0	0,0	0,3	0,1	0,8	0,0	0,3
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: SSOA/ UFBA

É necessário observar que comparando as médias históricas de pontos de corte não houve grandes mudanças com a introdução do sistema de cotas no vestibular no ano de 2005, cf. pode ser observado na tabela abaixo. O ponto de corte do vestibular 2005 na primeira e na segunda fase chegou a ser maior que os dois últimos vestibulares, confirmando uma tendência de crescimento na primeira e na segunda fase ¹¹:

¹⁰ Embora considerando que há uma cota para os estudantes brancos oriundos de escolas públicas (6,45% da reserva de vagas), deixamos de incluí-los na tabela 10 porque o percentual destinado a eles não chega a provocar diferenças perceptíveis na participação dos brancos.

¹¹ A correção das provas da UFBA é feita da seguinte maneira. Primeira fase: 1) cálculo do escore bruto de cada prova – soma dos pontos obtidos pelos candidatos, resultantes dos acertos totais ou parciais; o escore bruto máximo é igual ao número de questões válidas da prova; 2) cálculo do escore padronizado de cada prova – conversão dos escores brutos numa mesma escala de valores, o que permite dar a posição de cada candidato, considerando-se a média aritmética e o desvio-padrão do grupo de candidatos presentes a cada prova; ao escore bruto igual a zero corresponde um escore padronizado igual a zero; o escore padronizado máximo será igual a 1000; 3) cálculo do escore ponderado de cada prova – multiplicação do escore padronizado de cada prova (item 2) pelo respectivo peso de cada prova; 4) cálculo do escore parcial – soma dos escores ponderados de cada candidato, nas provas desta fase; 5) aplicação do ponto de corte – um desvio padrão abaixo da média aritmética dos escores parciais de todos os candidatos não eliminados por ausência ou zero; 6) classificação dos candidatos, em cada curso, por ordem decrescente do escore parcial desta fase; 6) seleção dos candidatos para a segunda fase, até o limite de três vezes o número de vagas de cada curso, de acordo com a ordem de classificação. A eliminação na primeira fase dar-se-á se o candidato obtiver zero em qualquer prova, exceto na de Língua Estrangeira, entregar em

Tabela 7 – Ponto de corte no vestibular da UFBA, 2003-2005.

Ano	Primeira fase	Segunda fase
2005	5.117,4	5.089,5
2004	5.099,8	5.056,4
2003	5.018,7	5.009,3

As informações acerca do contingente que ingressou em 2005 indicam uma mudança. Mesmo que de modo discreto, os dados apresentados, a seguir, permitem perceber que houve modificação do perfil escolar das famílias cujos filhos ingressam no último ano; aumentou a participação de estudantes oriundos de famílias de baixa escolaridade, tanto se observado a escolaridade do pai, mostrada nas tabelas 7a (2004) e 7b(2005), quanto à escolaridade da mãe, apresentada nas tabelas 9 e 10. Num movimento contrário, reduziu-se a participação dos estudantes oriundos das famílias cuja escolaridade situa-se no nível superior. Essa redução é mais expressiva nos contingentes dos auto-declarados pardos, pretos e indígenas.

branco ou não adequadamente a Folha de Respostas, e obtiver escore parcial menor que um desvio padrão abaixo da média aritmética dos escores parciais de todos os candidatos não eliminados por ausência ou zero. Segunda fase: 1) cálculo do escore bruto de cada prova – soma dos pontos obtidos, resultantes dos acertos totais ou parciais; o escore bruto máximo será igual a 100, nas provas discursivas, e igual a 10, na prova de Redação; 2) cálculo do escore padronizado de cada prova – mesma sistemática de cálculo da primeira fase, sendo que a padronização dos escores de cada prova é feita considerando-se separadamente cada grupo de cursos, de A a D (Matemática, Ciências Físicas e Tecnologia, Ciências Biológicas e Profissões da Saúde, Filosofia e Ciências Humanas, e Letras). Na área de Artes, a padronização é feita para cada curso separadamente, com exceção da prova de Redação, que será padronizada conjuntamente para todo o grupo; 3) cálculo do escore ponderado de cada prova – mesma sistemática da primeira fase; 4) cálculo do escore parcial – mesma sistemática da primeira fase. O escore global de classificação será obtido pela soma do escore parcial da primeira fase com o escore parcial da segunda fase de avaliação.

Tabela 7a – Distribuição percentual dos estudantes selecionados segundo a escolaridade do pai e a cor - 2004

<i>Escolaridade do pai</i>	Branco	Pardo	Preto	Amarelo	Indígena	Total
Nunca Frequentou a escola	0,6	0,7	2,6	0,0	10,6	1,0
Primário incompleto (menos que 4ª série do 1º grau)	3,7	5,1	10,6	7,5	6,4	5,2
Primário completo (ou 4ª série completa)	2,6	4,8	6,7	4,3	2,1	4,0
Ginásial incompleto (mais que 4ª série do 1º grau)	3,8	5,9	9,3	3,2	8,5	5,3
Ginásial completo (ou 1º grau completo)	3,0	4,3	7,5	5,3	0,0	4,0
Colegial incompleto (ou 2º grau incompleto)	3,8	5,7	3,8	4,3	6,4	4,5
Colegial completo (ou 2º grau completo)	24,7	32,6	34,4	26,6	25,5	28,1
Superior incompleto	9,2	8,5	6,2	8,5	4,3	8,0
Superior completo	46,8	29,7	15,9	36,2	34,0	32,0
Não sabe	1,7	2,6	2,9	2,1	2,1	2,2
Outros *	0,3	0,0	0,9	2,1	0,0	6,1
TOTAL	100	100	100	100	100	100,

Fonte:SSOA/UFBA

Tabela 7b - Distribuição percentual dos estudantes selecionados segundo a escolaridade do pai e a cor - 2005

<i>Escolaridade do pai</i>	Branco	Pardo	Preto	Amarelo	Indígena	Total
Nunca Frequentou a escola	2,3	1,3	2,2	1,4	9,1	1,8
Primário incompleto (menos que 4ª série do 1º grau)	4,5	7,1	11,8	8,3	9,1	7,4
Primário completo (4ª série completa)	3,6	4,8	9,2	1,4	7,8	5,2
Ginásial incompleto (mais que 4ª série do 1º grau)	3,3	7,3	8,2	6,5	7,8	6,5
Ginásial completo (ou 1º grau completo)	3,3	5,2	5,2	5,6	2,6	4,7
Colegial incompleto (ou 2º grau incompleto)	3,9	6,1	9,7	6,9	7,8	6,2
Colegial completo (ou 2º grau completo)	22,2	33,5	33,8	33,3	31,2	30,8
Superior incompleto	10,3	7,5	5,4	12,5	6,5	7,8
Superior completo	45,6	25,2	11,5	22,2	15,6	26,9
Não sabe	1,1	1,9	2,8	1,4	2,6	1,8
Outros *	0,0	0,1	0,2	0,0	0,0	0,3
TOTAL	100	100	100,0	100	100	100

Fonte:SSOA/UFBA

O que ocorreu em relação à escolaridade, também se pode perceber acerca do nível de renda das famílias daqueles que ingressaram na Universidade, em 2005. Embora a faixa de maior concentração de renda siga sendo a de 5 a 10 salários mínimos, em comparação com o ano de 2004, pode-se constatar um aumento na participação de estudantes com renda familiar até 5 salários mínimos e redução na participação dos que apresentam renda superior a este patamar, conforme tabelas 8a e 8b, a seguir.

Tabela 8a - Distribuição percentual dos estudante segundo a renda familiar e a cor - 2004

Renda familiar	Branco	Pardo	Preto	Amarelo	Indígena	Total
Até 1 Salário Mínimo	0,9	1,4	2,6	4,3	4,3	1,4
Maior que 1 s.m. até 3 s.m.	5,6	14,1	28,1	14,9	17,0	12,4
Maior que 3 sm até 5 s.m.	13,4	19,9	26,6	22,3	23,4	17,6
Maior que 5 s.m. até 10 s.m.	28,9	31,3	25,7	22,3	29,8	27,6
Maior que 10 s.m. até 20 s.m.	24,1	21,2	12,0	17,0	8,5	19,4
Maior que 20 s.m. até 40 s.m.	19,6	10,2	3,8	14,9	6,4	11,9
Maior que 40 salários mínimos	7,2	1,9	1,3	3,2	10,6	3,6
*Outros	0,3	0,1	0,0	1,1	0,0	6,1
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte:SSOA/UFBA

Tabela 8b – Distribuição percentual dos estudante segundo a renda familiar e a cor - 2005

Renda familiar	Branco	Pardo	Preto	Amarelo	Indígena	Total
Até 1 Salário Mínimo	2,5	2,8	6,7	1,5	3,9	3,4
Maior que 1 s. m até 3 s. m	8,2	20,0	32,5	5,8	29,9	19,5
Maior que 3 s. m até 5 s. m	19,1	27,4	27,7	5,8	26	25,2
Maior que 5 s. m até 10 s. m	25,6	25,1	19,8	13,0	23,4	24,1
Maior que 10 s. m 20 s. m	22,2	15,7	9,4	4,4	14,3	15,9
Maior que 20 s. m até 40 s. m	16,7	7,0	2,8	8,7	1,3	8,3
Maior que 40 salários mínimos	5,3	1,6	0,3	1,5	0,0	2,1
*Outros	0,4	0,4	0,8	59,5	1,2	1,6
Total	100,0	100,0	100	100	100	100

A partir destes dados referentes aos vestibulares anteriores ao sistema de cotas, o que significou indivíduos classificados como cotistas ingressarem com médias inferiores aos daqueles que concorreram pelo sistema universal? Se observado o escore médio dos selecionados no vestibular com cotas e o dois vestibulares anteriores a diferença é pequena (Tabela 9).

Tabela 9 – Média dos selecionados no Vestibular, 2003-2005

Curso	2005	2004	2003
Arquitetura e Urbanismo	5,6	5,7	5,9
Engenharia Civil	5,6	5,7	5,7
Engenharia de Minas	5,4	5,1	5,0
Engenharia Elétrica	6,7	7,2	7,1
Engenharia Mecânica	6,1	6,3	6,0
Engenharia Química	6,2	6,2	6,2
Engenharia Sanitária e Ambiental	5,9	6,0	6,2
Física (Licenc. e Bacharelado)	5,6	5,6	5,6
Física noturno (Licenciatura)	5,6	5,4	5,6
Geologia	4,8	5,0	4,8
Matemática (Licenc. e Bacharelado)	5,9	5,7	5,8

Bach. Em Ciências da Computação	6,3	6,5	6,6
Química (Lic. e Bac. e Química Industrial)	5,5	5,4	5,2
Estatística (Bacharelado)	4,9	4,9	5,2
Geofísica	5,7	5,9	5,8
Agronomia	4,9	4,9	4,6
Ciências Biológicas (Lic. e Bac.)	5,8	5,8	5,8
Enfermagem	5,7	5,7	5,6
Farmácia	5,8	5,8	5,9
Medicina	7,2	7,4	7,3
Medicina Veterinária	5,4	5,4	5,4
Nutrição	5,5	5,5	5,6
Odontologia	5,7	5,9	6,2
Licenciatura. em Ciências Naturais	4,9	4,9	5,0
Fonoaudiologia	5,4	5,5	5,8
Oceanografia	5,9	5,9	-
Zootecnia	4,7	-	-
Engenharia Florestal	4,8	-	-
Engenharia de Pesca	4,7	-	-
Administração	5,9	6,0	6,2
Biblioteconomia	4,9	4,9	4,8
Ciências Contábeis	5,4	5,5	5,5
Ciências Econômicas	5,8	5,8	5,9
Ciências Sociais (Lic. e Bac.)	5,7	5,7	5,7
Comunicação – Jornalismo	6,4	6,4	6,5
Comunicação-Prod. Comun. e Cultura	5,8	6,0	6,1
Direito	6,6	6,8	6,8
Filosofia (Lic. e bacharelado)	5,5	5,4	5,3
História (Lic. e Bacharelado)	5,9	5,9	6,1
Museologia	5,2	5,1	5,2
Pedagogia	5,0	5,0	5,1
Psicologia (Licenc. e Bacharelado)	6,0	6,3	6,4
Secretariado Executivo	4,8	4,9	4,9
Educação Física (Licenciatura)	5,3	5,4	5,3
Geografia (Licenc. e Bacharelado)	5,3	5,5	5,3
Arquivologia	4,8	4,8	4,7
Letras Vernáculas (Lic. e Bach.)	5,5	5,5	5,6
Letras Vernáculas Ling.Estrangeira.(Lic.)	5,6	5,6	5,7
Língua Estrangeira (Lic. e Bac.)	5,5	5,6	5,7
Artes Plásticas	5,3	5,5	5,5
Composição e Regência	5,2	5,4	5,5
Dança	5,5	5,4	5,5
Desenho e Plástica (Licenciatura)	5,1	5,1	5,3
Artes Cênicas-Dir.Deatral (bac.)	5,7	5,6	5,5
Artes Cênicas-Interp.Teatral(bac.)	5,7	5,7	5,8
Artes Cênicas - Teatro (Licenc.)	5,4	5,5	5,3
Música (Licenciatura)	5,5	5,5	5,5
Canto	6,0	5,4	5,8
Instrumento	5,5	5,3	5,5
Desenho Industrial (Prog. Visual)	5,7	5,9	5,9
Decoração	5,6	5,5	5,7

A diferença entre os dois se expressa quando se observam o primeiro e o último classificado nos dois grupos (Tabela 10).

Tabela 10 – Desempenho cotista/não-cotista no vestibular 2005.

Curso	1º	1º	Último	Último
	classificado	classificado	classificado	classificado
	Cotista	Não-cotista	Cotista	não-cotista
Arquitetura Urbanismo	6,8	8,1	4,4	5,6
Ciênc. da Computação	7	7,9	4,7	6,1
Engenharia Civil	7,5	7,7	4,6	5,3
Engenharia de Minas	5,9	6,6	4,6	5,1
Engenharia Elétrica	7,4	8,1	4,9	6,7
Engenharia Mecânica	6,6	8,1	4,7	6,2
Engenharia Química	7,1	8,2	5,1	6
Eng. Sanit. Ambiental	6,1	7,6	4,7	6,1
Estatística (Bac.)	5,5	6,9	4,5	4,5
Física (Lic.e Bac.)	6,3	7,2	4,7	5,2
Física Noturno	6,1	7,4	4,7	5,1
Geofísica	6	6,4	5,2	5,5
Geologia	5,3	5,9	4,3	4,4
Matemática	7	7,6	5,1	5,4
Química (Lic. e Bac.)	7	6,8	5	5,1
Enfermagem	6,8	7,1	4,6	5,7
Engenharia Florestal	5,3	5,5	4,4	4,4
Farmácia	6,6	6,9	4,6	5,7
Fonoaudiologia	5,4	6,3	4,7	5,5
Medicina	7,8	8,3	4,7	7,3
Medicina Veterinária	6,2	7	4,7	5,1
Nutrição	5,7	6,6	4,6	5,3
Oceanografia	6,2	7,3	5,1	5,9
Odontologia	6,3	7,3	4,2	5,8

Administração	6,5	7,2	5	5,8
Arquivologia	5,6	5,5	4,5	4,5
Biblioteconomia	5,5	5,4	4,6	4,7
Ciências Contábeis	5,9	6,4	4,6	5,1
Ciências Econômicas	6,5	6,8	4,8	5,6
Ciências Sociais	6,6	6,7	4,7	5,5
Comunicação - Jornalismo	7,3	7,3	5	6,4
Comunicação-Prod.Com.	6,7	7,1	5	5,8
Direito	8,1	7,8	4,4	6,7
Educação Física (Lic.)	5,7	6,1	4	5,1
Filosofia	6,1	6,5	4,5	5
Geografia	6,1	6,2	4,5	5
História	6,5	7,2	4,5	5,8
Museologia	6,1	6,3	4,6	5,1
Letras Vernáculas Lic e Bach.	6,6	7,9	4,6	5,1
Letras Vernáculas Ling.Estr (Lic. e Bac.)	7,1	6,4	4,6	5,2
Língua Estrangeira (Lic. e Bac)	6,3	6,4	5	5,2
Artes Cênicas - Teatro (Lic.)	5,9	5,5	5,1	5
Artes Cênicas - Dir.Teatral (Bac.)	5,9	6,1	4,9	5,7
Artes Cênicas - Interp. Teatral (Bac.)	5,7	6,2	5,3	5,7
Artes Plásticas	6,5	6,5	4,4	4,7
Curso Superior de Decoração	5,8	6,1	5,1	4,9
Dança	6,1	6,2	4,7	5,4
Desenho Industrial (Prog. Visual)	6,4	6,4	4,9	5,5

Instrumento	5,8	6,5	4,6	5,4
Musica (Lic)	5,7	5,9	5	5,3

Estes dados são necessários para compararmos tanto o desempenho no vestibular dos dois grupos quanto servem de parâmetro no desempenho dos estudantes nos dois primeiros semestres cursados. Isto posto, que desempenho tiveram os cotistas e não-cotistas?

Desempenho nos cursos

Em 32 dos 57 cursos, ou seja 56 %, os cotistas obtiveram coeficiente de rendimento igual ou melhor que os não-cotistas no intervalo entre 5,1 e 10,0(Tabela 11). O coeficiente de rendimento é a média aritmética de todas as matérias cursadas em um determinado período, varia de 0 a 10,0, e o limiar de aprovação é de 5,0.

Tabela 11 - Percentual dos alunos cotistas e não-cotistas com coeficiente de rendimento entre 5,1 e 10,0 nos dois semestres de 2005.

<i>Curso</i>	<i>Cotistas</i>	<i>Não-cotistas</i>
Administração	83,3	95,4
Arquitetura	85,6	81,3
Arquivologia	89,5	92,6
Artes Cênicas	20,0	100,0
Artes Cênicas II	87,5	91,7
Artes Plásticas	81,8	83,32
Biblioteconomia	80,8	82,9
Canto	100,0	100,0
Ciências Biológicas	71,4	45,4
Ciências Contábeis	45,7	69,7
Ciências da Computação	66,6	53,7
Ciências Econômicas	57,5	71,1
Ciências Sociais	79,5	69,7
Composição e Regência	83,4	100,0
Comunicação - Jornalismo	100,0	87,5
Comunicação Prod. Cultural	100,0	88,9
Dança	72,2	70,3
Decoração	100,0	85,7
Desenho Industrial	87,5	100,0
Direito	95,2	88,9
Enfermagem	87,5	64,2
Engenharia de Minas	59,0	51,6

Engenharia Elétrica	55,5	75,0
Engenharia Mecânica	75,0	100,0
Engenharia Civil	94,1	80,0
Engenharia Química	66,0	90,0
Engenharia Sanitária	64,0	86,0
Estatística	41,1	36,0
Farmácia	92,3	82,3
Filosofia	78,3	57,1
Física	33,4	45,1
Física Noturno	42,1	44,0
Fonaudiologia	100,0	88,9
Geofísica	29,0	60,0
Geografia	50,0	70,6
Geologia	46,7	43,0
História	95,2	80,6
Instrumento	66,7	72,2
Letras c/ Inglês	83,4	72,2
Letras c/ Língua Est.	40,0	66,7
Letras Vernáculas	100,0	87,7
Lic.Desenho e Plástica	70,0	68,7
Lic.Educação Física	85,0	73,8
Lic.em Ciências	72,0	47,0
Lic.Teatro	72,7	70,6
Matemática	59,2	71,4
Medicina	93,3	84,6
Medicina Veterinária	77,0	81,0
Museologia	88,2	69,2
Música	100,0	77,0
Nutrição	87,5	92,3
Oceanografia	27,2	40,0
Odontologia	100,0	100,0
Pedagogia	94,1	82,6
Psicologia	77,8	100,0
Química	83,3	41,1
Secretariado	100,0	90,9

Em 11 dos 18 cursos de maior concorrência, ou seja 61 %, os cotistas obtiveram coeficiente de rendimento igual ou melhor que os não-cotistas, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 12 - Percentual dos alunos cotistas e não-cotistas com coeficiente de rendimento entre 5,1 e 10,0 matriculados nos cursos de maior concorrência nos dois semestres de 2005.

<i>Curso</i>	<i>Cotistas</i>	<i>Não-cotistas</i>
Administração	83,3	95,4
Arquitetura	85,6	81,3
Ciências da Computação	66,6	53,7
Comunicação – Jornalismo	100,0	87,5
Comunicação - Prod. Cultural	100,0	88,9
Direito	95,2	88,9
Enfermagem	87,5	64,2
Engenharia Elétrica	55,5	75,0
Engenharia Mecânica	75,0	100,0
Engenharia Civil	94,1	80,0
Farmácia	92,3	82,3
Fonaudiologia	100,0	88,9
Medicina	93,3	84,6
Medicina Veterinária	77,0	81,0
Nutrição	87,5	92,3
Oceanografia	27,2	40,0
Odontologia	100,0	100,0
Psicologia	77,8	100,0

Os comentários que se seguem referem-se ao conjunto de cursos cuja participação de estudantes oriundos de escolas públicas era inferior a 30%, antes do sistema de cotas. Ao contrário da expectativa daqueles que se mostravam resistentes à implantação do referido sistema, temendo uma desqualificação do ensino pelo ingresso de estudantes supostamente despreparados na Universidade, o exame do desempenho dos estudantes que ingressaram na UFBA pelo sistema de cotas revela resultados bastante animadores, nos cursos das diversas áreas de conhecimento.

A tabela 13 mostra os cursos da área de Matemática, Ciências Físicas e Tecnologia, evidenciando que em quatro deles (Engenharia Civil, Engenharia de Minas, Geofísica e Química) a proporção de estudantes que obtiveram pontuação entre 7,6, e 10,0 é maior entre os *cotistas*. Coeficientes de rendimento acima de 7,5 significa a

aprovação por média, não havendo, portanto, a necessidade do aluno fazer uma prova final. E mesmo naqueles cursos em que é maior a proporção de *não-cotistas*, nessa condição, a presença dos *cotistas* é significativa. Por exemplo, em Engenharia Elétrica, um curso considerado de alto prestígio, mais da metade dos *cotistas* tem rendimento dentro dessa faixa de pontuação. O mesmo se pode observar em Ciência da Computação em que a diferença nas proporções dos dois grupos é de apenas um ponto percentual em favor dos *não-cotistas*. Cerca de um quarto dos estudantes *cotistas* do curso de Arquitetura, cujo prestígio está no mesmo nível dos dois anteriores, também apresentam rendimento dentro desta faixa.

Tabela 13 – Distribuição percentual de estudantes cotistas e não-cotistas, com coeficiente de rendimento na faixa de 7,6 a 10,0 pontos, na área de Matemática, Ciências Físicas e Tecnologia.

<i>Curso</i>	<i>Cotistas</i>	<i>Não-cotistas</i>
Engenharia Civil	59,0%	48,0%
Engenharia de Minas	9,0%	6,4%
Engenharia Sanitária	64,0%	86,0%
Química	16,7%	11,8%
Geofísica	14,3%	10,0%
Ciências da Computação	22,0%	23,0%
Engenharia Elétrica	56,0%	75,0%
Arquitetura	24,5%	46,7%

Fonte: SSOA/ UFBA

Na área Ciências Biológicas e Profissões da Saúde são cinco os cursos em que a proporção de estudantes com média de rendimento elevada é maior entre os *cotistas* (Fonaudiologia, Agronomia, Enfermagem, Ciências Biológicas e Licenciatura em Ciências Naturais). Chama atenção o rendimento dos estudantes *cotistas* no curso de Medicina, considerado o mais seletivo de todo o elenco de cursos da UFBA. Aí a proporção dos estudantes com rendimento entre 7,6 e 10,0 pontos é pequena; a diferença é de cinco pontos percentuais.

Tabela 14 – Distribuição percentual de estudantes cotistas e não-cotistas, com coeficiente de rendimento na faixa de 7,6 a 10,0 pontos, na área de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde.

<i>Curso</i>	<i>Cotistas</i>	<i>Não-cotistas</i>
Fonaudiologia	84,0%	83,0%
Agronomia	30,8%	30,0%
Enfermagem	75,0%	50,0%
Medicina	60,0%	65,0%
Odontologia	15,0%	50,0%
Farmácia	15,4%	70,6%
Ciências Biológicas	42,9%	33,3%
Lic.em Ciênc.Naturais	36,0%	20,0%
Medicina Veterinária	7,7%	18,2%

Fonte: SSOA/ UFBA

Na área de Ciências Humanas, embora se possa observar uma maior quantidade de cursos em que a proporção de estudantes com médias de rendimento entre 7,6 e 10,0 pontos é maior entre os *não-cotistas*, a situação dos *cotistas* é bastante confortável. No curso de Comunicação, um curso de alto prestígio, todos os estudantes *cotistas* tiveram rendimento elevado (100%); entre os *não-cotistas* eles são 62,5%. No curso de Direito, outro curso de elevada concorrência, a proporção dos que têm médias dentro desses patamares é maior entre os *não-cotistas*. No entanto, entre os *cotistas* essa proporção é bastante expressiva; são quase dois terços. Situação similar se pode observar no curso de Psicologia; se entre os *não-cotistas* todos atingiram médias dentro dessa faixa, entre os *cotistas* a proporção não é desprezível: são mais de dois terços (Tabela 15).

Tabela 15 – Distribuição percentual de estudantes cotistas e não-cotistas, com coeficiente de rendimento na faixa de 7,6 a 10,0 pontos, na área de Filosofia e Ciências Humanas.

<i>Curso</i>	<i>Cotistas</i>	<i>Não-cotistas</i>
Comunicação	100%	62,5%
Direito	62%	78%
Psicologia	77%	100%
Administração	47%	68%
Filosofia	13%	28,5%
Lic.em Educação Física	55%	38,5%
Ciências Econômicas	12,5%	25%
Museologia	52,9%	30,7%

Fonte: SSOA/ UFBA

Em quase todos os cursos da área de Letras e Artes, os *cotistas* tiveram maiores proporções de estudantes com médias elevadas. Excetuando-se Canto, em que todos os estudantes de ambos os grupos têm médias dentro dessa faixa de pontuação, nos demais a vantagem é dos *cotistas* (Tabela 16).

Tabela 16 – Distribuição percentual de estudantes cotistas e não-cotistas, com coeficiente de rendimento na faixa de 7,6 a 10,0 pontos, na área de Letras e Artes

<i>Curso</i>	<i>Cotistas</i>	<i>Não-cotistas</i>
Decoração	66,7%	64,3%
Canto	100%	100%
Dança	72%	63%
Desenho Industrial	75%	64,7%
Composição e Regência	83%	77,8%

Fonte: SSOA/ UFBA

Esses resultados confirmam a hipótese do bom desempenho de estudantes negros oriundos da escola pública, apontados por Queiroz na análise do desempenho de estudantes no vestibular da UFBA, em 2001¹², num momento em que a UFBA não havia implantado o sistema de cotas. Naquele momento, detectava-se a existência de um elevado contingente (576) de estudantes pretos e pardos, oriundos de escolas públicas, que tiveram bom desempenho no vestibular, portanto, foram aprovados para cursos considerados de alto prestígio social, mas não foram classificados “por falta de vagas”¹³. Os dados sobre o rendimento dos *cotistas* nos cursos, analisados acima, demonstram que o sistema de cotas permitiu que estudantes de bom desempenho acadêmico ingressassem na UFBA; tratava-se de uma demanda reprimida das escolas públicas que, pelo sistema tradicional, classificatório, não teria nenhuma oportunidade na instituição.

¹² V. Queiroz, Delcele. “O ensino superior no Brasil e as ações afirmativas para negros”. *Revista Universidade e Sociedade, Andes*, ano XII, nº 29, 2003.

¹³ Era desta forma que a informação era registrada nos bancos de dados do CPD/UFBA.